

**43º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS**

**SPG 29 – SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO**

**O QUE A ESCOLA QUER DAS FAMÍLIAS?<sup>1</sup>**

Mariana Gadoni Canaan<sup>2</sup>

---

1 Esse texto é um recorte de uma pesquisa de doutorado mais ampla, ainda em andamento, intitulada “A influência da escola no dia a dia das famílias das camadas populares”. Essa pesquisa é financiada pelo PROEX/CAPES.

2 Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e integrante do Observatório Sociológico Família-Escola (OSFE/UFMG).

## INTRODUÇÃO

Transformações recentes na família e na escola aprofundaram as interações entre essas duas instâncias socializadoras e ampliaram significativamente as funções exercidas por ambas na educação das crianças. Nesse contexto, os professores vêm sendo convocados a desempenhar funções que anteriormente eram restritas aos pais (ligadas às normas de conduta, à educação afetivo-sexual etc.), e estes assumem um novo papel, o de “pai/mãe de aluno”, que difere do ofício de pai/mãe de criança ou jovem. Esse papel social não se limita às prescrições regulamentares e legais (como garantir que a criança em idade escolar se encontre matriculada e frequente a escola), e costuma ter contornos muito vagos, isto é, sujeito a interpretações diversas. De acordo com Perrenoud (2001), “hoje, para se ser ‘pai de aluno’, não basta vigiar de longe os deveres de casa, é preciso ‘ensinar’ onde a escola não chega, dar explicações complementares ou até verdadeiras ‘lições’, por vezes confiadas a um explicador” (p. 83). Assim, o autor conclui, dizendo que ser “pai/mãe de aluno”, mais que cumprir com seus deveres, é satisfazer as expectativas da escola. Mas essa aproximação entre famílias e escola, ou imbricação de territórios, não é vivido sem tensões, angústias e mal-entendidos (NOGUEIRA, 2005).

Uma pesquisa realizada em 2008 pela Fundação SM e a Organização dos Estados Ibero-americanos (OEI), junto a 8.773 professores de educação básica de 19 estados brasileiros (com exceção dos estados da região Norte), identificou uma grande insatisfação dos professores com os pais de seus alunos, os quais acreditavam estarem se omitindo ou se ausentando da responsabilidade de educar os filhos: 91,7% dos educadores entrevistados concordaram com a afirmação “Cada vez mais, a família delega à escola, indevidamente, parte de suas responsabilidades educativas” e 80,7% discordaram da afirmação “Os pais prestam suficiente atenção às atividades escolares de seus filhos”. Com relação a esse último posicionamento, os professores que ministravam aulas em estabelecimentos públicos (82,8%) se mostravam mais críticos à atuação dos pais do que aqueles da rede particular (71,1%), assim como os professores dos anos finais do Ensino Fundamental (84,4%) em relação aos dos anos iniciais (80%). Os professores do Ensino Fundamental II eram também os menos satisfeitos com seu relacionamento com as famílias (apenas 38,1% estavam satisfeitos) quando comparados com os professores da Educação Infantil (62,8%), Fundamental I (52,4%) e Médio (47,9%), assim como os

professores da rede pública (44,6%) quando comparados aos da rede privada (70,8%) (CAMPOS, 2008).

Os dados do questionário contextual da Prova Brasil 2015, respondido por 262.417 professores da rede pública de todo o Brasil, vão nessa mesma direção, porém, as respostas não indicam apenas uma insatisfação docente com a participação familiar, mas dão a entender que o grande problema educacional do Brasil tem como causa essa omissão: 94% dos educadores concordaram com a afirmação “os possíveis problemas de aprendizagem dos alunos estão relacionadas à falta de assistência e acompanhamento dos pais na vida escolar dos alunos”. Entre as possíveis “causas” para os problemas de aprendizagem listadas no questionário – que contemplava aspectos estruturais e pedagógicos da escola, condições de trabalho do professor e características do aluno e do meio em que ele vive – essa foi a que obteve a maior concordância entre os professores<sup>3</sup>, seguido pelo “meio social” em que a criança vive.

Diante desse cenário, de grande insatisfação dos docentes com a participação parental, buscou-se compreender em que consiste esse ofício de “pai/mãe de aluno”. Quer dizer, buscou-se entender quais as expectativas de uma escola de periferia em relação às famílias das camadas populares e quais as estratégias desenvolvidas por seus profissionais para engajar estas em seu novo papel.

## **METODOLOGIA**

Para responder à pergunta da pesquisa realizou-se estudo de caso em uma escola pública de Ensino Fundamental de Belo Horizonte, que atende um público oriundo, majoritariamente, das camadas populares. A escola foi selecionada por figurar entre os 10 estabelecimentos de ensino com menor nível socioeconômico (INSE) no município. Os dados foram coletados a partir da observação direta, complementada por conversas informais (com profissionais da escola, alunos e familiares) e análise de documentos oficiais e não-oficiais da escola. No total, foram realizadas 44 visitas à escola entre abril e dezembro de 2017, o que corresponde a aproximadamente 150 horas de observação, em que se acompanhou, prioritariamente, as reuniões individuais entre pais e professores/coordenadores, mas também reuniões de pais e mestres; entrega de boletins;

---

3 Informação extraída do site do Qedu, questão 78: <<http://www.qedu.org.br/brasil/pessoas/professor>>. Acesso em 13 ago 2018.

festas/apresentações que contaram com a presença das famílias; eleição para escolha da nova direção da escola; entre outros (reunião pedagógica, roda de conversa entre direção e alunos; etc.).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A parceria família-escola se tornou tema comum de publicações, resoluções, planos e leis educacionais (DAL'IGNA, 2011; RESENDE, SILVA, 2016). Ela tem como princípios a gestão democrática e a corresponsabilidade entre família e escola na educação das crianças e adolescentes. Na Escola Violeta<sup>4</sup>, a ideia da cooperação entre família e escola consta em diversos documentos, a saber: Plano Político Pedagógico (PPP), Regimento Escolar, Plano de Convivência, projetos escolares diversos e, até mesmo, nas propostas de campanha das chapas que disputaram a eleição pelos cargos de direção, no final de 2017<sup>5</sup>.

O Regimento da escola assegura o direito dos pais ou responsáveis de acessarem informações sobre a escola, seu filho e a política educacional; participarem da vida escolar do filho/dependente; e terem voz ativa nas decisões escolares. Há, na escola, várias instâncias decisórias que contam com a participação dos pais ou seus representantes, são elas: Assembleia, Colegiado e Caixa Escolar. Segundo o Regimento, a escola se compromete a apoiar a Associação de Pais, contudo, a comunidade escolar não se mobilizou para sua criação.

Visando não apenas a gestão democrática, mas também a aproximação (física e simbólica) entre famílias e escola, consta no Regimento como atribuições dos professores (art. 31): a) colaborar com atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade; b) promover a participação dos pais ou responsáveis no processo de avaliação do ensino/aprendizagem; e c) esclarecer sistematicamente os pais ou responsáveis sobre o processo de aprendizagem. Já entre as funções da equipe pedagógica está “desenvolver ações junto à família e aos estudantes, convocando pais, mães, ou responsáveis, quando

---

4 Nome fictício.

5 A chapa vencedora, por exemplo, fixava como metas “trabalhar em parceria com a comunidade para desenvolvimento da escola e aprendizado dos alunos; valorizar pais e alunos, buscando sempre o diálogo; promover ações junto à Escola Aberta, que atendam às necessidades da comunidade; fortalecer os laços entre escola e comunidade escolar; e promover uma gestão democrática e inclusiva”. A chapa concorrente tinha como proposta “a gestão compartilhada; a participação das famílias na escola; a criação da Escola de Pais; a criação de oficinas de geração de emprego e renda para a comunidade; e a criação da ouvidoria escolar”.

necessário, para que esses garantam a frequência escolar” (art. 42). Mas, se o Regimento prevê a construção de parcerias com as famílias como uma atribuição da escola, ele não fornece indicações claras de como fazer isso.

Nesse sentido, o Projeto Político-Pedagógico (PPP), formulado em 2016, tinha como um de seus objetivos indicar ações que fortalecessem a parceria família e escola, estabelecendo como ações a serem implementadas pela escola:

“Encontros mensais para reflexão e discussão de temas relacionados ao trabalho desenvolvido pela equipe pedagógica junto aos estudantes;  
Valorização dos pontos positivos e coleta de sugestões de ações para a melhoria das atividades da escola;  
Reuniões mensais e/ou extraordinárias para deliberação de demandas da gestão escolar nas dimensões administrativa, financeira e pedagógica;  
Sensibilização e valorização dos membros na gestão democrática;  
Formação para os membros do colegiado para promover a participação efetiva da comunidade escolar nas principais decisões acerca dos aspectos pedagógicos, administrativos e financeiros da escola, com base nas normas e orientações estabelecidas pelo município;  
Encontro com toda a comunidade escolar para tratar de questões referentes ao cotidiano da escola: pedagógicas, financeiras e administrativas;  
Potencialização dos canais de diálogos e os laços com as famílias;  
Encontro com as famílias para reflexão e discussão acerca da formação/educação dos filhos e valores para a vida;  
Encontro com as famílias e demais membros da comunidade escolar para um evento festivo, com apresentações artísticas dos estudantes evidenciando valores e atitudes, amor e alegria, fundamentais para o fortalecimento das relações entre as pessoas.  
Festa que acontece no mês de julho com resgate da nossa cultura (temas específicos para os eventos) e promoção de um espaço de interação entre os membros da comunidade escolar;  
Encontro com as famílias dos estudantes infrequentes, para informar sobre os aspectos legais referentes a presença do estudante na escola.” (Regimento Escolar).

É evidente que não se pode tomar as propostas do PPP como a realidade da escola, ele é somente uma referência que orienta o planejamento e as ações da equipe escolar. Porém, seu inestimável valor para esta pesquisa reside em seu discurso, no que revela sobre as expectativas da escola em relação às famílias. O que é certo é que suas propostas buscam ampliar a presença das famílias na escola, aumentar sua participação na vida escolar dos filhos, e reduzir as distâncias entre a cultura escolar e a cultura familiar/comunitária. Mas, falar dos direitos das famílias e dos deveres da escola em relação a elas, não esgota a investigação sobre as demandas cotidianas da escola aos pais. A seguir, discutiremos esse tema a partir das observações realizadas na escola e registradas no diário de campo. Os relatos, apresentados em quadros, são narrados em terceira pessoa, a partir da visão do

pesquisador. Em alguns casos, quando foi possível registrar as falas em sua transcrição literal, elas foram apresentadas em primeira pessoa, sempre entre aspas. Os grifos no texto visam destacar as expectativas e demandas da escola em relação às famílias.

### **Expectativas e demandas da escola em relação às famílias**

A reunião de pais para entrega de boletins estava marcada para as 16:00h do dia 1 de setembro de 2017. Alguns pais aguardavam o portão se abrir, o que ocorreu às 16:15h. No pátio havia cartazes que indicavam as salas para os quais os pais deveriam se dirigir, mas alguns não conheciam a série ou a sala do filho e procuravam algum funcionário para ajudá-los. Em uma das salas, de 2º ano, a professora cumprimentava os pais que chegavam e indicava os lugares onde eles poderiam se sentar. Nessa turma compareceram, ao todo, 14 responsáveis dos 25 esperados (56%). A professora iniciou a reunião pedindo que os pais assinassem a lista de presença. Enquanto a lista circulava, a professora mostrou alguns desenhos dos alunos e comentou: “Parabéns para vocês! Eles são ou não são artistas?”. Alguns pais timidamente responderam “Sim”. A professora repetiu: “eu achei que ficou maravilhoso, fiquei babando”. Logo após, ela se apresentou e disse que lecionava nessa turma desde fevereiro do ano anterior (quando a turma iniciou o 1º ano do Ensino Fundamental). Ela perguntou se as crianças contaram em casa que ela tirou fotos delas na sexta-feira. Muitos pais não responderam e alguns disseram “não”, a professora então respondeu “Nossa, eles são fofos só quando não precisa. Eu tirei foto de todo mundo, eu aproveitei que estava a turma toda aqui, os 25 e tirei a foto para o mural da primavera. Então na próxima reunião vocês vão entrar aqui para pegar o resultado e vão encontrar a carinha deles na sala. É só para vocês ficarem sabendo, porque de repente vai chegar em casa e um aluno pode falar que viu a foto do seu filho lá, é verdade, viu mesmo. O rostinho deles será o miolinho das flores do painel de primavera. Para vocês não acharem que é foto para outra coisa, está tudo ali no meu telefone. Eu vou aproveitar o feriado, o meu recesso, para revelar as fotos e fazer o painel”.

Após alguns segundos de silêncio, a professora proferiu “Vamos começar, que a gente já está atrasado. Não tem muita coisa para falar não, além daquilo que eu falo sempre: o menino tem que chegar na escola no horário certo, todos os dias; tem que vir uniformizado, u-ni-for-mi-za-do, entra aqui de jeans e a primeira coisa que eu falo é: cadê o seu uniforme? Se eles contarem isso em casa, é verdade, eu pergunto”. Dirigindo-se à duas mães, a professora pede que elas confisquem o batom das filhas. Uma das mães responde: “ela não traz batom”. A professora diz que sim e vários pais riem. Ela completa: “É uma “rebocação” de boca com esses batons que eu não estou dando conta, tem hora que você olha e tem batom de orelha a orelha. A atividade da [nome da aluna], você vai ver, está toda manchada de batom, você pode imaginar o tanto que eu xinguei, né? Então não deixa trazer não”. A outra mãe diz “antes de irmos para a escola ela pega o batom lá nas minhas coisas”. A professora responde (em tom de brincadeira) “eu sei, ela é danada, mas você ameaça, fala que vai fazê-la comer o batom inteiro. O problema não é o batom, é a sujeira que eles fazem com esses batons. O batom passa de boca em boca. Eu falo que a gente não

compartilha batom, nem garrafinha de água, nem material escolar. Aqui a única coisa que se compartilha é tesoura e apontador, o resto de jeito nenhum. Então o problema do batom é que passa em quinhentas bocas, então não deixa não, é só por isso”.

Em seguida, a professora alerta para o cuidado com as faltas, para que todas as crianças venham todos os dias, e para verificarem o ‘dever de casa’ e completa: “Eu tenho mandado uma orientação para o ‘para casa’ e ele tem vindo feito sem seguir a orientação, eu mando recadinho, viu? Pegou o caderninho para fazer o ‘para casa’, dá uma olhada no ‘para casa’ de hoje, se tiver algum problema, está escrito lá”. Uma mãe resmungava algo e a professora diz “fez não, ela está vindo sem fazer. Mas, aqui, raramente fica ‘para casa’ sem fazer, então eu fico muito feliz por isso. É a família que fica atrás, é a família que fica em cima, que cobra. [As crianças] podem até falar ‘estou com preguiça’, não tem preguiça não, é o momento de estudo deles. Ah, e é o seguinte: vocês têm percebido o tanto que esses meninos melhoraram, em casa vocês têm conseguido ver?” Muitos pais balançam a cabeça em sinal de concordância. A professora, animada, diz “Eles estão lendo, eles estão escrevendo, eles estão munidos de maior autonomia. Eles falam muito, muito. É natural, é da idade, a gente trabalha em grupo é para isso mesmo, para eles falarem muito, para trocar ideia, para um ajudar o outro, eles são autônomos. Eu acho ótimo, eu passo atividade e quando olho eles já fizeram. Por quê? Porque eles já estão lendo, mas não é porque estão lendo que vocês vão abandonar em casa não, viu! Tem que olhar ‘para casa’ sim! Quando vocês pegarem as atividades deles e começarem a olhar vocês vão perceber novidades na escrita deles. Nós acabamos de terminar o segundo trimestre do 2º ano, o aluno que não estiver lendo e escrevendo, deveria. Eu estou alertando, viu, gente?”.

A professora explica que os alunos têm dois livros de português. O primeiro a ser utilizado é quase todo em caixa alta, de forma que desde o 1º ano os alunos leem e escrevem em caixa alta, mas que a última atividade do livro está toda em manuscrita minúscula. Já o segundo livro é todo em manuscrita e por isso ela ainda não o utilizou. Ela diz que os alunos estão doidos com as letras cursivas, mas que já falou que é para eles esquecerem isso por enquanto. Uma mãe pergunta se ela não ia cobrar a letra cursiva. A professora responde que não. A mãe diz que então suas filhas (gêmeas) mentiram, porque ela teve que ensiná-las nas férias, pois ficaram lhe cobrando. A professora responde “eu quase matei as duas na hora que me mostraram a escrita e falei que se eu encontrar isso escrito aqui... ai ai ai. Elas disseram que a mãe que estava ensinando isso e eu perguntei ‘sua mãe está te ensinando isso para quê?’”. A mãe repete “elas me cobraram nas férias, falaram que eu tinha que ensinar”. Professora responde de forma amistosa “Você não conhece as duas não, né? Elas são muito falantes, elas falam bastante, é uma vontade de aprender o raio dessa letra cursiva. Para que vocês acham que serve a letra cursiva? Vocês sabem onde que a gente encontra letra cursiva? Só e exclusivamente na escola; o objetivo da letra cursiva, depois que você aprende, é agilidade, aprender a escrever mais rápido. Aí você aprende a usar a letra cursiva e quando chega no quinto ano já não usa mais. Então não se preocupa com isso, tá?”. Então a professora explicou o que ela estava trabalhando com as crianças: formar palavras, formar frases, utilizar pontuação adequada, letra maiúscula e parágrafo. E completa “desde o ano passado eu tenho falando isso para vocês, eles são meninos muito bons, educados, carinhosos, eles têm uma disposição para ajudar o outro que eu fico impressionada. Quero contar para vocês que daqui para frente as coisas vão ficando mais apertadas, a gente já está aprendendo a fazer continhas,

adição, subtração... Então ajude em casa, ajude no ‘para casa’, mas não faça por ele. Nunca, em todos os meus anos de magistério, eu peguei na mão de aluno para escrever uma letra, o que eu faço por eles é tracejar ou mostrar onde começa”. A professora então entregou as atividades dos alunos. A capa era uma atividade artística (uma borboleta) feita por eles: Ela explicou como ela avalia esses trabalhos e o porquê de a sala estar “pelada” (tiraram os trabalhos para pintar as paredes).

Nesse momento, a diretora entra na sala e diz “tudo bem, gente? Como essa sala está cheia! Olha só, é muito importante tudo o que a professora vai falar para vocês, o nosso trabalho precisa ser junto com a família e tudo que a professora vai comentar com vocês - sobre a dinâmica de sala de aula, que a gente precisa de apoio - a gente não consegue passar se vocês não estiverem presentes nas reuniões. E o mais importante, eu gostaria de pedir para vocês que não deixem de mandar os filhos para escola, eu não sei se vocês sabem, mas nós estamos com problemas de infrequência. Nós temos que pegar firme, eles precisam estar em sala de aula para poderem fazer as atividades, e também precisam ser elogiados por vocês, chegue em casa e olhe os cadernos, elogie, olhe o que ele aprendeu hoje, pergunte, mostre que você está interessado no trabalho que está sendo desenvolvido aqui. É muito importante para todo menino ver, saber que tem que dar satisfação em casa. Acompanhar é muito importante”. A professora interrompe e diz que eles estão com o projeto da "Sacola Viajante"<sup>6</sup>. A diretora pergunta: “E o que a gente quer com a ‘sacola viajante’? Estimular a ler tudo que estiver nela. Sempre que você for dar um presente, dê um livro junto com o brinquedo. Vocês já viram a propaganda do Itaú? Que a gente tem que ler junto com o filho, que ele viaje, que ele expande conhecimento. Aquilo é tudo verdade, mesmo. Os meninos que nós temos aqui, que mais se sobressaem na adolescência, são aqueles que costumavam ler muito quando pequenos. Então a gente tem feito o possível com os alunos, fazendo - por exemplo - a ‘Hora da Leitura na escola’. As professoras têm estimulado a leitura de tudo. Então, por favor, façam também em casa. Pede para ler uma parte do livro que pegou na biblioteca, pede para contar uma parte da história, pede para fazer a leitura para vocês, isso tudo para estimular a leitura. Quanto mais eles leem, vocês vão ver, menos trabalho vocês vão ter com eles na escola, pois eles serão curiosos, vão buscar informações eles mesmos. Então vamos estimular bastante e não apenas leitura, mas tudo que é feito na sala de aula, você tem que pedir o caderno para dar uma olhada, fazer um comentário, um elogio. Sabe aquele comentário construtivo que joga o aluno para cima? Nós precisamos fazer com que a autoestima desse menino suba, que ele saiba que ele pode muito mais do que ele pensa. Está certo, combinado!? Gostaria de agradecer muito por vocês terem vindo, no final, tem biscoitinho e suquinho na saída. Mas eu quero muito que vocês saibam o tanto que a gente fica feliz de vocês estarem aqui, pode marcar reunião com a professora ou a coordenadora para se inteirar do que está acontecendo com o filho de vocês aqui. Eu também me coloco à disposição, viu?!”.

A diretora sai e a professora retoma a fala. Ela discorre sobre as provas (que ocorrem nessa turma uma vez por mês) e diz que esse não é o único instrumento de avaliação, orientando os pais que, quando receberem a prova, não briguem, que não xinguem, mas que perguntem o quê que foi que a criança viu na

---

6 Projeto que visa incentivar a leitura em casa com o envolvimento da família. A cada semana, um aluno leva a sacola – com cinco opções de livro – para casa, da qual deve escolher um livro para leitura e registro (síntese, comentário etc.) em um caderno que será compartilhado com os colegas.



questão para achar que era daquele jeito. Também avisou que as provas do 3º trimestre já se iniciariam na próxima semana e perguntou se alguém tinha alguma pergunta. Apenas uma mãe perguntou sobre a timidez da filha e a professora disse que ela já melhorou bastante. A professora começou a entregar o boletim e as provas e, enquanto entregava, dava um *feedback* a alguns pais (quando a avaliação ou frequência não eram satisfatórias). Depois de todos receberem os boletins, ela avisou que o projeto da ‘sacola viajante’ seguia firme e forte: “hoje ela está indo com o [nome do aluno], ele tem que trazer na quarta-feira, pois na quarta-feira nós vamos sortear outra pessoa para levar para casa. Eles já sabem o que tem que fazer. O que eu falei para eles é que eles leiam com a ajuda de uma pessoa adulta”. Uma mãe interrompe e diz que quando ela ficou sabendo da “sacola viajante”, a filha já tinha feito toda a atividade sozinha. A professora concordou e disse que sua filha tem muita autonomia, mas que, mesmo que ela já saiba ler, é para olhar e perguntar sobre a leitura.

Por fim, a professora comentou sobre os diversos projetos de leitura com a turma e os livros que ela trabalhou ou que ainda trabalharia, explicando o objetivo de cada um deles e as atividades relacionadas. E depois entregou uma bala com um recadinho onde se lia: “Bons pais conversam, pais brilhantes dialogam. Entre conversar e dialogar há um grande vale” e disse "fale, fale muito, mas escute também, é bom aprender a ouvir"; e agradece a ajuda dos pais, pedindo que não abandonem os filhos em casa. Uma mãe questiona a professora sobre a excursão do dia seguinte e ela responde que seu filho não trouxe a autorização (e ele ainda disse que a mãe tinha jogado fora) e pediu que a mãe escrevesse a autorização em um papel em branco. Depois a professora disse “Lá não tem lugar para lanche e é proibido o consumo de qualquer tipo de bebida e comida, não pode trazer água, não pode trazer lanche, todo mundo deve estar arrumado. Deixa eu contar para vocês, todos eles estão na faixa de sete anos, alguns começando a fazer oito, precisaram tirar o tênis para nossa apresentação e eu quase morri sufocada aqui [os pais riem] por causa do chulé, então orientem em casa, para vir amanhã limpos, muito cheirosos, de banho tomado, perfume não, pois eu tenho alergia”. Uma mãe pergunta sobre o material e a professora responde “sem material, uniformizado, sem lanche, sem água, sem biscoito, sem refrigerante. Biscoito e refrigerante não fazem bem para saúde, nós já falamos sobre isso. Isso que eu estou lendo são as orientações da Orquestra Filarmônica<sup>7</sup>, não é da escola não. Chegar no horário certinho, não chegar atrasado, todo mundo limpinho. Se chegarmos antes da aula terminar, não se preocupem, nós temos muita coisa para fazer. E lembrem de passar hidratante nas pernas ruças”. A professora então se despede e os pais saem em direção ao pátio. (*Trecho do diário de campo. Reunião de pais, de uma turma de 2º ano, realizada em 01/09/17*).

O episódio, acima detalhado, evidencia de forma bastante explícita algumas das principais demandas da Escola Violeta às famílias (e que apareceram recorrentes em diferentes situações observadas ao longo do campo de pesquisa): garantir a frequência, pontualidade e asseio dos filhos, e cuidar para que venham à escola uniformizados e

---

7 A excursão do dia seguinte iria à sala Minas Gerais, sede da Orquestra Filarmônica de Minas Gerais.

munidos do material escolar completo. Em casa, espera-se que os pais cobrem e verifiquem o dever (ajudando, mas sem executar a atividade); que verifiquem regularmente os cadernos (para garantir que seus filhos estão atentos nas aulas); que comentem, elogiem e mostrem interesse pelo que foi aprendido; que estimulem a leitura (lendo com o filho, pedindo para ele ler ou perguntando sobre o conteúdo da história); e que procurem os profissionais da escola regularmente para se informar sobre a vida escolar do filho. Outras questões que aparecem nas reuniões (principalmente nas individuais) é a demanda para que os pais enviem bilhetes escritos justificando alguma eventualidade (falta às aulas, atrasos, uniforme incompleto etc.), que ajudem os filhos a cuidar do material escolar (encapar os livros, manter a mochila limpa e organizada, etc.), que mantenham os telefones de contato atualizados, que respondam/assinem os bilhetes, autorizações e convocações da escola, e que, principalmente, coloquem limite nas condutas dos filhos (respeito às regras escolares e à autoridade do professor).

Todas essas cobranças e prescrições são muito próximas das que constam no Regimento Escolar como “deveres dos pais” e, embora todas essas atribuições sejam esperadas dos pais de todas as turmas do Ensino Fundamental, durante as reuniões (coletivas ou individuais) com os responsáveis pelos alunos do Ensino Fundamental II, as questões em torno da motivação e da disciplina tomam a cena, deixando questões mais objetivas (verificar material escolar, higiene, uniforme, deveres e atividades; ler para/com os filhos, perguntar sobre o que foi aprendido etc.) em segundo plano (ou mesmo subtraídas). A dinâmica das reuniões também parece se alterar entre os diferentes ciclos do Ensino Fundamental: enquanto que a do 1º ciclo durou 45 minutos, a do 3º durou apenas 15 minutos. E, ainda que em todas as reuniões observadas, os pais intervissem e participassem pouco, de forma que os professores detinham quase a totalidade do tempo de fala, a reunião do 1º ciclo apresentou um clima mais descontraído e convidativo (a professora brincava, distribuía balas, elogiava muito os alunos e apresentava o trabalho realizado por eles), conforme relato apresentado anteriormente, ao passo que, no segundo e terceiro ciclo, mais intensamente no último ciclo (7º ao 9º ano), as reuniões tinham um tom predominante de reclamação e sensibilização, conforme relato a seguir:

Três professores aguardavam a chegada dos pais das duas turmas de 7º ano da escola. Os professores passaram uma lista de presença para que os pais assinassem e, ao mesmo tempo, chamaram em voz alta o nome de cada um dos alunos para entrega do boletim ao responsável. Ao final, o “professor A” perguntou se alguém tinha deixado de receber o boletim. Ninguém respondeu. Nesse momento havia na sala 23 pais/responsáveis [dos 51 esperados, posteriormente chegaram mais dois pais atrasados]. Então ele apresentou todos os professores presentes e iniciou a reunião.

**Professor A:** “Todos os alunos, sem exceção, precisam ser mais cobrados em casa, em relação a tudo. Então faz o favor de conversar bastante com eles, tudo que vocês falarem para melhorar, vai nos ajudar e vai ajudar eles. Porque, em geral, essas turmas estão com muitos alunos que não querem saber de estudar, que não têm compromisso. É lógico que tem exceções, né? Quando vocês vierem conversar com a gente em particular, a gente vai dizer se é o caso do seu filho, mas a grande maioria está precisando de mais acompanhamento”.

**Professora B:** “Está precisando. Infelizmente nas duas turmas a falta de compromisso e a indisciplina destoa do resto da escola. Alguns pais já foram chamados para conversar, alguns mais de duas ou três vezes. A indisciplina e a falta de compromisso são marcas registradas dessas duas turmas”.

**Professor A:** “Dentro da sala de aula nós temos tido todo tipo de problema, todo tipo de problema. Isso prejudica o trabalho, a começar pelas atividades. A maioria não tem feito o ‘para casa’, não tem o compromisso de fazer, quando tem trabalho não faz. Disso daí, de não fazer as atividades, vem a indisciplina. Porque a pessoa não vem, não traz material, muitos esquecem o livro, aí vai gerando a indisciplina, que vai gerando um monte de coisa, até chegar no boletim com notas perdidas. Vocês vão ver que nessa coluna que está escrito R é a nota de recuperação, o aluno tinha que ter 18, e muitos alunos estão abaixo de 18, em muitas matérias”.

**Professora B:** “Muitos alunos se recusaram a fazer a recuperação. Tirar zero é uma coisa, porque ele não dá conta, entre outros motivos. Outra coisa é ele sequer entregar o trabalho. Às vezes, a gente faz até uma proposta de trabalho para ser feito aqui na sala, para não precisar levar para casa, aí [tem aluno que] simplesmente fecha o caderno, cruza os braços e não faz nada. Nem aquilo que é para ser feito em sala de aula, nessas duas turmas, está sendo feito. A gente dá outro exercício para eles recuperarem nota e eles não fazem. Vocês podem ver os cadernos: textos incompletos, se copiam alguma coisa param no meio, faltam a aula sem motivo, se faltam a aula não procuram saber o que foi dado na aula perdida. Aí chega na hora da atividade da matéria que ele perdeu, ele não entende e não faz”.

**Professora C:** “Deixa eu só tirar uma dúvida, que duas pessoas já me chamaram para perguntar. Para vocês entenderem, um trimestre vale 30 pontos. Ao lado da nota do semestre [e aponta para uma coluna] está a nota de recuperação, se ele conseguir tirar uma nota maior do que ele conseguiu antes, ele recuperou alguma coisa, e prevalece a maior nota, tá legal? Se ele tirou 18 para cima significa que ele pegou a média. A média é 60% de 30 pontos, que é 18. Se ele tirou 17 para baixo, ele perdeu média. Se ele tirou entre 18 e 22, quer dizer que ele está na média, mas que ele pode melhorar muito. O bom mesmo é 30 em tudo. Então, por exemplo, se seu filho tirou 10 em matemática, valendo 30, ele pegou média?”.

Alguns pais respondem não, enquanto vários pais conversavam entre si.

**Professora C:** “Dez é bem baixo, né? Está na hora de estudar matemática, porque está bem ruim. Tem uma coisa que é importante é que às vezes o aluno não pegou média em uma disciplina e aí do lado, que é a nota da recuperação, não tem nota nenhuma, sabe o que significa: que além dele não ter pego a média, ele ainda não fez a recuperação. Ou seja, ele não está nem aí. Aí é pior ainda, porque significa que ele não pegou média não é nem por questão de aprendizado, é porque não liga, aí é hora de puxar orelha MESMO, ok?! Mas se a gente faz um trabalho conjunto, com a escola e a família, a gente consegue resolver essa questão, a gente não pode perder a esperança nas nossas crianças e pré-adolescentes. Então, aqui em cima, em atitudes e valores, é outra parte do boletim que vale a pena vocês prestarem atenção. Então está lá ‘organiza o material escolar’, se do lado está ‘S’ é sim, se está ‘N’ é não, se está um ‘AV’ é às vezes. Ou seja, se o seu filho apenas às vezes organiza o material escolar, está na hora de ficar de olho no material escolar dele. Se está “às vezes”, vamos melhorar. Essa parte do boletim também é muito importante porque ela reflete na nota e, o mais importante, na aprendizagem. Tem que ficar atento a essa parte do boletim, olhar um por um, se está ‘não’ e ‘às vezes’ está na hora de conversar com o filho. Muito importante também é que quando estiver um ‘sim’, significa que ele está bem nesse item, então está na hora de elogiar, pois quando a gente elogia o que está dando certo a gente motiva o aluno a se esforçar para receber mais elogios. Isso mostra que você está acompanhando!”

Uma mãe pergunta se o filho pode não ter feito a recuperação porque não veio à aula. Professora responde que acha difícil, isso ocorreria apenas se ele faltasse por aproximadamente três semanas. Pois mesmo que o aluno não tivesse vindo em um dia, ele poderia fazer em outro dia, por exemplo, na biblioteca. E recomenda à mãe perguntar ao filho por que ele não fez a recuperação.

**Professor A:** “Se vocês tiverem dúvidas sobre as nossas disciplinas, em específico, vocês podem nos perguntar agora. Mas se estiver tudo tranquilo, vocês estão liberados”.

Os pais então começam a sair, 15 minutos após o início da reunião. (*Trecho do diário de campo. Reunião de pais, de duas turmas de 7º ano, realizada em 01/06/17*).

### **O ofício de aluno: “Nós aceitamos alunos e não quem vem a passeio”**

Como se viu, as atribuições de “pai/mãe de aluno” são bastante diversificadas; porém, várias delas têm o mesmo objetivo: garantir que a criança vá para a escola em condições adequadas à aprendizagem<sup>8</sup> e à conformidade as regras escolares. Ainda que existam atribuições que atingem a todos os pais, indistintamente, determinados aspectos do “ofício de pai de aluno” se tornam bem menos importantes quando a criança possui maior autonomia – isto é, quando ela já incorporou as regras, valores, atitudes e estratégias que lhe permitem desempenhar satisfatoriamente o “ofício de aluno”. Dentro da escola,

---

<sup>8</sup> Frequente, pontual, descansada, alimentada, asseada, com material escolar adequado, com “para casa” feito, atenta e motivada.

essa criança não precisa que o professor lhe chame atenção para copiar o que está no quadro ou fazer as atividades do livro; e segue os combinados ou cria estratégias para burlá-los sem chamar atenção ou perturbar a classe. Nesse caso, os pais são bem menos solicitados (por não serem mais tão necessários) a, por exemplo, comparecer à escola, controlar os horários em que a criança vai dormir ou acordar, assegurar o uso do uniforme, organizar a mochila, levá-la ou busca-la na escola, mandá-la estudar ou fazer o para-casa, repor material perdido ou danificado etc. Ao contrário, quando a criança não consegue ou se recusa a desempenhar o seu ofício de aluno, os professores cobram os pais de forma mais intensa e frequente, seja para comparecer à escola, seja para conformar a criança. O relato abaixo – de uma reunião individual entre professor, mãe e aluno – permite compreender melhor esta faceta da relação família-escola:

Passava das oito horas da manhã, quando uma mãe entra na sala da coordenação, dizendo ter sido convocada pela escola. A coordenadora a cumprimenta e sai em busca do professor que requisitou sua presença. O professor chega, cumprimenta a mãe e se senta. Ele de um lado da mesa e a mãe do outro. O professor diz que a sala em que seu filho está é complicadíssima e que, apesar de não ser só ele, ele contribui muito para a bagunça na sala de aula. Além disso, nunca traz o material e não faz as atividades em sala. Ela diz que eles acabaram de se mudar e que ele perdeu o livro na mudança e que, quando ela lhe pergunta sobre o “dever de casa”, ele diz que não tem. O professor afirma que não manda dever porque sabe que os alunos não fazem e que, então, prefere dar atividades em sala de aula. Mas ele pediu que a mãe olhe o caderno para ver se o filho está realizando as atividades em sala de aula, pois quando o aluno faz ele dá um visto. Se não tiver o visto, o aluno tem atividade para ser feita em casa. O professor complementa “se ele não trouxer o livro ou não fizer as atividades, eu vou te chamar, nem se for todo dia”. A mãe concorda.

O professor pede para chamarem o aluno em sala. Assim que ele chega e se senta ao lado da mãe, o professor o atualiza sobre o que eles haviam conversado. O professor se dirige ao aluno e diz que, se for preciso, ele chamaria sua mãe na escola todos os dias até ela o tirar da escola, e indagou o menino se ele não tinha medo de ser recusado por todas as escolas ou vergonha de sua mãe ter que escutar tantas coisas ruins sobre ele. O aluno não responde. A mãe reforça o que o professor disse e indaga o filho: “o que você quer da vida? Quer ir para a cadeia?”. O aluno continua sem esboçar nenhuma reação. O professor prossegue e diz “você tem que entender que você não tem escolha se quer ou não estudar, quem está aqui tem que estudar. Nós aceitamos aluno e não quem vem a passeio. E, se for preciso, sua mãe ficará ao seu lado na sala, controlando-o para não atrapalhar os colegas”. A mãe se justifica para o professor e diz que ela fala para o filho o que é certo, que explica as boas e más atitudes, e que o filho diz que vai mudar, mas que não muda. O professor pede que o aluno se comprometa e ele diz que vai fazer todas as atividades. O

professor pergunta “o que mais?”, o aluno diz que vai chegar no horário. Novamente o professor lhe indaga “o que mais?”, ele diz que vai respeitar os professores.

A coordenadora chega e o professor a atualiza do que foi conversado, e diz que o aluno se comprometeu a mudar. A coordenadora diz para a mãe que eles fizeram uma reunião com os pais dos alunos dessa sala e que só quatro responsáveis compareceram; e que, depois, os alunos ficaram rindo e dizendo que não ia dar nada para eles. A mãe diz que ela não veio porque trabalhou até tarde. A coordenadora diz que entende e que, por isso, estão chamando os pais separadamente. A mãe avisa que podem lhe chamar quando for preciso que ela virá. O professor registra o encontro no “diário de bordo” e pede que mãe e aluno assinem. Professor e aluno vão para a sala e a coordenadora acompanha a mãe até a saída. (*Trecho do diário de campo. Reunião realizada em 19/09/17*).

No relato acima, o professor convoca a mãe a comparecer à escola diante da resistência da criança em exercer o seu “ofício de aluno”, esperando que a autoridade parental seja capaz de sujeitar o aluno às expectativas docentes. Assim, várias das atribuições dos pais estão ligadas ao ofício de aluno, a uma obrigação que é do filho, mas que quando ele “falha” ou se recusa a exercê-la, os pais são chamados a “consertá-los”. Chamar os pais, em alguns casos, surte efeito nas atitudes do aluno, em outros, não. Os diferentes professores convocam os pais com frequência diferenciada, uns se utilizam mais dessa estratégia do que outros. Uns acreditam que o papel de motivar e disciplinar é também do professor, outros acreditam que essas atitudes se aprendem em casa e a escola apenas as reforça. Mas, em geral, indiferente a esses valores e crenças, os professores da escola se sentem bastante desarmados diante da persistente indisciplina e desinteresse dos alunos.

De acordo com Perrenoud (1995), o ofício de aluno é um componente central do estatuto da criança em sociedades que veem essa fase como uma preparação para a vida adulta. Nessas sociedades, ser criança está altamente associado com o fato de ser aluno e a escola é vista como o lugar, por excelência, da criança. O autor chama de ofício de aluno a aprendizagem das regras (implícitas e explícitas) do “jogo escolar”. Todavia, mais do que aceitar e incorporar essas regras e valores da cultura escolar, é preciso estar disposto a “jogar o jogo escolar”, isto é, para além de se conformar a essa cultura, é preciso dominá-la a ponto de “desempenhar o seu papel de aluno sem perturbar a ordem nem exigir um acompanhamento particular” (PERRENOUD, 1995, p. 64).

O boletim da Escola Violeta fornece algumas pistas do que se espera do aluno, pois, além das notas nas diferentes disciplinas, o boletim traz uma avaliação das “atitudes e

valores”, onde se avalia se o aluno ‘organiza o material escolar’, se ‘tem interesse em aprender’, se ‘cumpre regras, combinados e horários’, se ‘realiza as atividades propostas’, se ‘emite opiniões com clareza e segurança, e se sabe argumentar seu ponto de vista’, se ‘participa cooperativamente das atividades em grupo’, se ‘conserva o material de uso coletivo’, se ‘sabe ouvir e respeitar a opinião dos colegas’, e se ‘respeita o próximo, se é solidário e tolerante’. De acordo com Perrenoud (1995),

“As experiências anteriores à primeira escolarização preparam em parte para a vida neste meio. Quanto ao resto, é preciso aprender ‘no terreno’; ao longo dos meses, depois dos anos, o estudante adquire os saberes e o saber-fazer, os valores e os códigos, os hábitos e as atitudes que farão dele o verdadeiro ‘nativo’ da organização escolar, ou que, pelo menos, lhe permitirão sobreviver nesse meio sem excessivas frustrações, e até a viver bem, porque percebeu as regras do jogo. Na escola apreende-se o ofício de aluno” (p.62).

Se o ofício de aluno é aprendido na escola através de suas rotinas, a socialização no seio familiar pode facilitar o exercício qualificado deste ofício, tanto no aprendizado dos saberes e do saber-fazer escolar, quanto na propensão em adquirir ou se conformar à cultura escolar (disposição para “jogar o jogo”). O sociológico francês Pierre Bourdieu (2003) demonstrou que a posição social da família (definida pelos capitais possuídos, principalmente o econômico e o cultural) influencia a trajetória escolar de crianças e adolescentes. O autor observou que as famílias que se encontravam no topo da pirâmide social transmitiam a seus filhos uma herança cultural favorecedora do sucesso escolar. A essa herança, Bourdieu deu o nome de capital cultural. Esse conceito faz alusão a um conjunto de bens culturais, disposições, comportamentos, valores, saberes e crenças legitimados socialmente. Aqui é importante distinguir cultura, no sentido antropológico (enquanto modos de vida), e capital cultural, pois, ainda que todos os indivíduos sejam portadores de um repertório cultural, e estes sejam bastante diversificados em uma dada sociedade, eles não são igualmente valorizados no mundo social. Assim, o que a escola transmite e cobra dos alunos (em termos de linguagem, comportamentos, saberes etc.) não é uma cultura neutra ou universal, mas a cultura (do) dominante. E essa proximidade entre a cultura familiar e a cultura escolar favorece o bom desempenho escolar das crianças da elite, pois a escola se torna uma continuação da educação familiar. Em contraposição, as crianças oriundas das camadas populares se deparam, no universo escolar, com padrões culturais e simbólicos bastante distintos dos seus, no qual a bagagem cultural que possuem pouco ou nada lhes ajuda

no percurso escolar, o que resulta muitas vezes em uma relação tensa, penosa e insegura com a escola.

Mas, de acordo com Bourdieu (2003), a herança transmitida pela família não se resume apenas a um conjunto de recursos (materiais, culturais e linguísticos) facilitadores do sucesso escolar. O indivíduo herda também um *habitus* que contribui para definir, entre tantas outras, as suas atitudes e expectativas frente à escola e ao saber, isto é, suas ambições e mobilização em relação à escolarização. O *habitus* é constituído pelas experiências passadas do indivíduo e de sua família, de modo que esses êxitos e fracassos anteriores produzem um senso prático (não plenamente consciente) daquilo que se mostra mais viável ou possível para os membros do grupo – dentro da realidade social na qual eles estão inseridos<sup>9</sup> –, assim como as estratégias mais apropriadas (ou menos arriscadas) de manutenção ou ascensão social. Pensando no caso das camadas populares, objeto dessa pesquisa, cuja entrada massiva na escola ocorreu há poucas décadas e o acesso ao Ensino Superior ainda é uma realidade distante para grande parte desse contingente, nutrir grandes expectativas e mobilizar-se fortemente em torno da escolarização significa arriscar o pouco que se tem (de recursos financeiros, tempo e energia) em uma “jogada” que tem grandes chances de não lograr sucesso, visto que o “pouco” que essa família pode oferecer ao filho (em termos de ajuda e capital cultural) pode não ser suficiente para que ele obtenha o diploma. Além disso, muitas famílias das camadas populares, que possuem reduzida informação e familiaridade com o universo escolar, não conseguem formular um projeto concreto de escolarização, muito menos formas de intervir e incentivar o percurso escolar (como as catadoras do lixo entrevistadas por Paixão, 2005).

Mas, para além dessas diferenças na orientação e ação das famílias de diferentes classes sociais, há diferenças entre as famílias – de uma mesma classe social – que podem ser mais ou menos favorecedoras do sucesso escolar. Bernard Lahire (1997) identificou algumas dessas características: 1) a **proximidade com a leitura e a escrita** no cotidiano familiar. E isso ocorre por que a escrita é, ao mesmo tempo, base do conhecimento escolar – sem a qual se há dificuldade em prosseguir em quase todas as disciplinas escolares – e de um modo racional (e escolar) de organização do pensamento, baseado na abstração, reflexão e planejamento; 2) a **estabilidade econômica** da família, que favorece (ainda que

---

<sup>9</sup> Em uma sociedade desigual, os indivíduos não têm acesso às mesmas experiências e oportunidades, de tal forma que as práticas e vivências acabam sendo moduladas pelos capitais da família.



não assegure) o planejamento e a organização de rotinas, horários e atividades (assim como ocorre na escola), e a elaboração de projetos de médio e longo prazo (como o percurso escolar de sucesso); 3) a **ordem moral doméstica do lar**<sup>10</sup> – fundada no controle das companhias, das atividades e horários dos filhos, e na moral do esforço, da perseverança e do respeito às regras –, que produz disposições muito próximas às requeridas no ambiente escolar (como esforço, responsabilidade, organização do material etc.), assim como estruturas cognitivas ordenadas, isto é, capazes de classificar, gerir e organizar o pensamento, facilitando a memorização e a argumentação; 4) **formas específicas de exercício da autoridade parental**, que pode ser de dentro para fora ou de fora para dentro. No primeiro caso, os pais conversam com a criança e a levam a refletir sobre o motivo da reprimenda ou da punição, o que favorece a internalização das regras e o autocontrole. No segundo caso, os pais – ao invés do diálogo que leva à reflexão – se limitam a uma punição imediata (muitas vezes físicas) visando cessar o ato transgressor. A primeira forma tornaria a criança mais adaptada à disciplina escolar (que valoriza a sua autonomia) por já ter internalizado as regras e desenvolvido o autocontrole; ao passo que, na segunda forma, a criança tende a controlar seus atos apenas na presença do adulto e sob a ameaça de punição; e 5) o **investimento pedagógico das famílias**, isto é, as práticas adotadas pela família para cobrar, acompanhar e estimular o sucesso escolar. Ainda que esses traços familiares sejam favorecedores do sucesso escolar, o autor ressalta que cada um deles tomado isoladamente não garante êxito; e que é possível encontrar trajetórias de sucesso escolar que ocorrem mesmo na ausência desses traços. Assim, apesar de certas características da cultura familiar facilitarem o exercício do ofício de aluno, o êxito acadêmico e a relação positiva com a escola, esses não são diretamente determinados pela família, sendo influenciados também por outros fatores (individuais, escolares etc.).

Charlot (2003) e Perrenoud (1995) postulam que a relação da criança com a escola e o saber é muito mais complexa, permeada por vários outros fatores, inclusive pela ação pedagógica e disciplinar do professor. Em sua tese de doutorado, Silva (2007) observou que o grau de indisciplina em sala de aula variava também em função do professor<sup>11</sup>. Os

---

<sup>10</sup>A ordem moral doméstica, apesar de depender da estabilidade econômica, não é diretamente determinada por ela. Famílias de mesma condição socioeconômica podem demonstrar distintas formas de gerir o tempo, o orçamento e os afazeres.

<sup>11</sup> O autor realizou observação direta em duas turmas de Ensino Fundamental, de uma escola municipal de Belo Horizonte, e complementou com entrevistas com alunos e professores.

professores mais eficazes, do ponto de vista da gestão dos comportamentos, eram aqueles que comunicavam claramente as regras e condutas esperadas, empregando-as de forma impessoal; que supervisionavam permanentemente os comportamentos, mantendo-se atento ao que ocorria em sala de aula; que raramente ignoravam os atos de indisciplina e interviam precocemente, orientando as condutas e posicionando-se de maneira firme. Todas essas ações contribuíam para que os alunos assimilassem as expectativas docentes e pudessem prever as consequências dos seus atos, procurando se autodisciplinar. Raramente esses professores utilizavam medidas corretivas que, quando aplicadas, reforçavam a autodisciplina. Além do trabalho disciplinar, algumas características do professor e do trabalho pedagógico favoreciam a ordem e o comprometimento dos alunos em sala de aula, tais como: clareza das exposições; disponibilidade para ajudar (repetiam explicações até os alunos entenderem); boa relação com os alunos; estímulo a participação ativa da turma; *feedbacks* constantes; elogios aos alunos; entre outros.

Além de fatores familiares e escolares, o aluno desempenha papel ativo na relação que estabelece com a escola e o saber, e isso fica evidente na pesquisa diante dos vários relatos de pais – durante as reuniões com professores ou quando conversavam entre si, aguardando para serem atendidos – de que já tentaram de tudo com os filhos (castigos, punições físicas, reforço positivo etc.) e que nada surtia efeito. Para que a criança tenha sucesso na escola ela precisa se mobilizar internamente, o que supõe que ela encontre sentido ou prazer na situação de aprendizado (CHARLOT, 2003). Esse desejo de saber é construído na relação da criança com o mundo, com os outros e consigo mesma. Eles são construídos, inclusive, na relação com a família, com os professores e com os pares.

O sentido que o aluno atribui à escola e ao saber pode ser mais ou menos favorecedor do sucesso escolar. Há alunos que têm imenso prazer em aprender, e estudar é sua “segunda natureza”; de tal forma que estudam inclusive nas férias e nos finais de semana. Há outros que têm imensa vontade de saber, mas que precisam se esforçar para estudar e aprender; como há também alunos que estudam apenas para passar de ano, ter um diploma, entrar na faculdade etc. Estes últimos mantêm uma relação dita “instrumental” com a escola, e desenvolvem uma série de estratégias para sobreviver ao sistema escolar com o mínimo de esforço possível. Por fim, há ainda aqueles que se encontram perdidos na escola e não vêem nenhum sentido em estar ali; esses são os principais candidatos à evasão escolar (CHARLOT, 2003).

Os métodos pedagógicos contemporâneos – menos fundamentados na coerção e sanção disciplinar – precisam da cooperação ativa dos alunos para a transmissão dos saberes. Porém, os sentidos do trabalho pedagógico encontram-se enfraquecidos. Perrenoud (1995) alerta que a propalada “crise da educação”<sup>12</sup> é antes de tudo uma “crise de sentido”. Os alunos não aprendem não é porque a escola desistiu de sua missão de ensinar, mas porque encontram dificuldade em estabelecer um sentido que não seja o instrumental. Essa predominância da relação utilitária com a escola tem suas bases sociais. Na contemporaneidade, o diploma se tornou um importante trunfo nas disputas pelos postos mais elevados da hierarquia ocupacional. Sendo assim, garantir o diploma, passar de ano, ir bem nos exames etc., se tornou o centro do ofício de aluno, mais do que o aprender e o enriquecimento pessoal. Diante dessa instrumentalização do saber, os alunos de ambições mais modestas podem encontrar dificuldade em criar outro sentido para a escola.

Durante minhas observações na sala da coordenação, constatei que havia alunos que sequer desenvolviam estratégias para manter a aparência de “bom aluno” ou para ser aprovado, eles se recusavam abertamente a realizar as atividades e a seguir as regras da escola (como fazer a atividade, não gritar em sala de aula, não se levantar, não sair dela sem autorização do professor etc.), mesmo que isso representasse nota baixa, reprovação, punição dos pais etc. Eles eram enviados para fora de sala de aula por mais de um professor, no mesmo dia, em vários dias da semana. Esses alunos pareciam gostar de estar na sala da coordenação, pois, na maior parte das vezes, se livravam das atividades didáticas e podiam conversar e brincar entre si, enquanto aguardavam o sinal do recreio ou da próxima aula. Em alguns desses casos, os pais mal haviam conversado com o professor e, logo em seguida, o aluno recebia uma advertência e os pais eram novamente convocados à escola para conversar sobre o ocorrido. Muitos pais confessavam, durante as reuniões, sua sensação de impotência diante dos filhos. Relatavam conversar sobre a importância da escola (em geral, ressaltando seu valor instrumental), xingar, recorrer a castigos físicos, impedir os filhos de sair para brincar ou ir a festas, tirar o celular, obrigar a limpar a casa, o que, em alguns casos, parecia agravar o “descaso” dos filhos com a escola, conforme trechos abaixo:

---

12 Com a massificação escolar, expressões como “crise do ensino” e “mal-estar escolar” se tornaram comuns no senso comum. Elas fazem alusão às altas taxas de fracasso escolar, sobretudo, nas escolas populares.

Uma mãe, que aguardava a coordenadora para receber o boletim do filho, queixou-se com uma senhora que também esperava: “eu não tenho problema com nenhum dos meus outros filhos, mas quando eu venho saber do [nome do filho], dá até desânimo. É sempre reclamação. Esse ano eu fui chamada, botei ele de castigo no quarto e parece que ele piorou”. (*Trecho do diário de campo. Conversa após a reunião de pais realizada em 01/09/17*).

A mãe de um aluno do 5º ano [que já havia estado na escola em, ao menos, duas outras oportunidades] aguardava há uma hora para falar com a coordenadora. Enquanto esperava, ela iniciou conversa com um professor. Com os olhos marejados, ela dizia que seu filho é muito bom em casa, respeitoso e responsável, que parece que o que ele não podia fazer em casa, ele fazia na escola, que ela já não sabia mais como agir. O professor diz que seu filho não é um menino ruim. Ela responde que o problema é o grupo que ele arrumou na escola. (*Trecho do diário de campo. Conversa após a reunião de pais realizada em 01/09/17*).

Ainda que as famílias sejam bem-intencionadas, elas podem vir a encontrar uma resistência da própria criança em exercer satisfatoriamente o ofício de aluno, de tal forma que a situação não é resolvida prontamente com mudanças pontuais no acompanhamento escolar e no exercício da autoridade parental. Diante dessa resistência ou “demissão” do aluno, o que a escola faz?

### **Dispositivos acionados pela escola para que pais e alunos desempenhem seus ofícios**

Analisando o “diário de bordo”<sup>13</sup>, observou-se que mais da metade dos alunos do turno da manhã (5 ao 9º ano) tinha registrada alguma ocorrência. Elas eram mais frequentes entre os alunos do último ciclo, em que quase metade da turma teve dez ou mais ocorrências em 2017. Estas diziam respeito a atitudes e comportamentos listados no quadro a seguir (os grifos se referem às condutas mais recorrentes).

---

13 Sempre que o responsável vai à escola, os professores ou coordenadores buscam todas as ocorrências registradas no livro, que, no geral, mostram uma série de repetições da mesma situação - atrasos, não fazer atividades em sala ou não entregar o dever de casa. Após conversarem com os pais, o coordenador ou professor anota no diário que o responsável esteve presente e qual foi o conteúdo da conversa. Pais e filhos assinam o documento.

## QUADRO 2: Motivo de sanções escolares

Dimensão	Atitudes e comportamentos passíveis de sanção
<b>Comunicação durante a aula</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <u>Conversa excessiva em sala de aula</u></li> <li>• Aluno gritou durante a aula</li> <li>• O aluno fez barulho durante a aula</li> </ul>
<b>Mobilidade durante a aula</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O aluno se levantou da carteira ou se deslocou no interior da sala de aula</li> <li>• <u>O aluno saiu da sala de aula sem a permissão do professor</u></li> </ul>
<b>Cumprimento de horários</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <u>O aluno se atrasou para entrar na escola ou na sala de aula</u></li> <li>• O aluno “matou aula”</li> </ul>
<b>Cumprimento de atividades</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <u>O aluno não realizou as atividades demandadas pelo professor em sala de aula</u></li> <li>• <u>O aluno não fez o dever ou trabalho a ser feito em casa</u></li> <li>• O aluno apresentou os trabalhos sem capricho ou em tom de brincadeira</li> <li>• O aluno não trouxe o material a ser utilizado no dia</li> <li>• O aluno se dedicou a atividades de outros professores</li> <li>• <u>O aluno se distraiu com objetos ou atividades alheias à aula (celular, comida, brinquedos etc.)</u></li> <li>• O aluno dormiu na aula</li> </ul>
<b>Relação entre alunos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O aluno realizou brincadeiras inconvenientes ou perturbadoras com colegas de classe</li> <li>• <u>O aluno agrediu, xingou ou discutiu com os colegas na aula</u></li> <li>• O aluno pegou material do colega sem autorização</li> </ul>
<b>Relação entre funcionários e alunos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <u>O aluno desobedeceu às ordens do professor</u></li> <li>• O aluno efetuou réplicas à ação disciplinadora do professor</li> <li>• O aluno fez piada ou debochou dos professores e de sua autoridade</li> <li>• O aluno agrediu, ameaçou ou desrespeitou funcionários</li> </ul>
<b>Normas institucionais</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O aluno não encapou ou perdeu o livro didático</li> <li>• O aluno depredou o patrimônio da escola</li> <li>• <u>O aluno não veio com uniforme completo ou o descaracterizou</u></li> <li>• O aluno portou, consumiu ou manuseou entorpecentes nas dependências da escola (álcool e cigarro)</li> <li>• O aluno não trouxe a advertência assinada</li> </ul>

**Fonte:** Autoria própria.

**Nota:** Esse quadro foi organizado conforme as dimensões identificadas por Silva (2007), acrescido da dimensão “Normas Institucionais”.

A grande maioria das atitudes repreendidas ou sancionadas pela escola se justifica, do ponto de vista de seus profissionais, a partir das condições indispensáveis a todo trabalho pedagógico (silêncio, ordem, realização de atividades para revisão ou fixação do conteúdo etc.) ou da preparação para cidadania e para o mundo do trabalho (através da socialização em uma organização regrada), conforme relato a seguir:

Em conversa com uma coordenadora, ela declarou que compreende as limitações que a vulnerabilidade social das famílias pode trazer para a escolarização, mas que há situações que a escola não pode deixar passar, porque fora dela isso não aconteceria, citando o caso dos atrasos. Segundo ela, permitir que os alunos entrem na sala em qualquer horário, além de prejudicar o andamento da aula (já que os outros

alunos podem se distrair com a interrupção), não contribuiria para que os educandos aprendam a conviver e se organizar dentro de certas regras, sem as quais seriam ainda mais prejudicados. E deu o exemplo das escolas particulares, que não toleram atrasos. Assim, a escola estaria educando para que os jovens não fiquem em desvantagem em relação aos alunos das escolas particulares. (*Trecho do diário de campo. Conversa realizada em 30/03/17*).

Essas exigências também foram identificadas por Silva (2007), tanto na literatura resenhada, quanto na pesquisa empírica realizada em uma escola da rede municipal de Belo Horizonte sobre o tema da indisciplina. Exigências estas que constituiriam o núcleo da cultura escolar ou docente.

“A recorrência desse conjunto de regras, nas aulas dos diversos docentes, corrobora uma série de estudos que têm chamado a atenção para o fato de que, parte das regras que orientam as condutas dos alunos em sala de aula, é empregada indistintamente pelos diversos professores, quase que à revelia dos contextos de sua aplicação e das características pessoais e/ou pedagógicas de cada docente” (SILVA, 2007, p.101).

Diante do fenômeno da indisciplina, a Escola Violeta prevê em seu Regimento algumas ações a serem adotadas, a saber:

“Art. 70 - O estudante que deixar de cumprir ou transgredir de alguma forma as disposições contidas no Regimento Escolar ficará sujeito às seguintes ações:

- I - orientação disciplinar com ações pedagógicas de professores, Coordenação Pedagógica e Direção;
- II - registro dos fatos ocorridos envolvendo o estudante, com assinatura do próprio e na presença do responsável legal;
- III - comunicado, por escrito, com ciência e assinatura dos pais, mães ou responsáveis, quando criança ou adolescente;
- IV - encaminhamento a projetos de ação educativa e assistenciais;
- V - convocação dos pais, mães ou responsáveis, para comparecerem à escola em horário previamente agendado, de acordo com a disponibilidade de todas as partes e, após conversa *registrada* em ata, se for o caso, assinatura de termo de compromisso;
- VI - encaminhamento do fato ao Colegiado Escolar, para providências.

Art. 71 - Ao estudante, conforme a gravidade ou em caso de reincidência de indisciplina, serão *aplicadas* as seguintes sanções, a partir de definições do Colegiado Escolar:

- I - Advertência oral;
- II - *Advertência escrita* com comunicação aos pais, mães ou responsáveis;
- III - Transferência de turma;
- IV - Transferência *de turno*;
- V - Transferência de escola.

§ 1º Em caráter excepcional, a transferência de um aluno para outra escola terá assegurada a participação da família, ampla defesa do estudante, processo disciplinar instaurado em articulação com o Conselho Tutelar, Associação de Pais e será efetivada pela Gerência Regional de Educação.

§ 2º Todas as ações disciplinares previstas no Regimento Escolar serão devidamente registradas em Ata e apresentadas aos responsáveis de demais órgãos competentes para ciência das ações tomadas” (Regimento Escolar).

A resposta adotada pela escola depende da gravidade do ato e de sua reincidência. Em casos de agressão entre alunos, a escola, na maior parte das vezes, advertia o aluno agressor, ligava para informar os pais de ambos alunos e, em alguns casos (a depender da gravidade), convocá-los a comparecer à escola. Quando a escola não conseguia contato por telefone com a família do agressor, o aluno levava a advertência e a convocação para casa, que deveria retornar assinada. Em apenas um caso, foi testemunhado o acionamento da Guarda Municipal; tratava-se da agressão de um menino à sua namorada. Em relação a outros atos de indisciplina, a escola anotava a ocorrência no “Diário de Bordo” e, em alguns casos, pedia ao aluno para assinar. Em caso de reincidência ou de desrespeito ao professor, o aluno levava uma advertência escrita (a ser assinada pelos pais) e/ou sua família era convocada. Essas sanções não são vistas na escola como meramente punitivas, mas também pedagógicas, pois, em todos os casos, a coordenação buscava explicar aos alunos o porquê daquela atitude não ser tolerada.

Ainda que não previsto no regimento, observou-se também o uso da suspensão, praticada da seguinte forma: o aluno é expulso da sala de aula, permitido seu retorno somente após o comparecimento dos pais (ou do envio de bilhete escrito justificando o não comparecimento, com proposta de nova data e horário). Em alguns casos, os pais não compareciam ou não justificavam, e o aluno permanecia na sala da coordenação durante todo o dia. Alguns professores se mostravam incomodados com essa situação (dizendo que lugar de aluno é na sala de aula), outros a defendiam alegando ser impossível lecionar com o aluno naquelas condições. Em alguns casos, os alunos perdiam o direito ao recreio (mas a escola garantia seu direito de utilizar o banheiro e de lanchar); em outros, ficavam impedidos de participar de excursões ou passeios externos (ou iam somente após o comparecimento dos pais).

Para além das sanções, a escola buscou desenvolver algumas estratégias para melhorar a relação dos estudantes com a escola e reduzir a indisciplina, tais como: premiar com excursão a sala com menor número de ocorrências; realizar rodas de conversa com

os alunos; e apostar no protagonismo estudantil (através de projetos como o OPCA<sup>14</sup>, a Câmara Mirim<sup>15</sup>, show de talentos, premiações, assembleia de classe, alunos monitores do recreio, representantes de turma, entre outros). Em relação à roda de conversa, ela permitia ouvir os jovens, mas, principalmente, sensibilizá-los sobre suas ações e o ofício de aluno, como pode ser observado no relato abaixo:

A diretora havia proposto a realização de um grupo de discussão com os alunos de uma turma de 7º ano, que recebia repetidas reclamações dos professores, em razão da indisciplina. Ao entrar na sala, vi que todos os alunos estavam sentados em uma roda aguardando a diretora. Reconheci sete alunos, que haviam passado pela coordenação nas últimas semanas. A diretora chegou e perguntou para a turma quais eram os principais problemas na sala e os alunos responderam que eram as brincadeiras em excesso e a preguiça. Ela falou que para combater a preguiça era preciso estar descansado, por isso a importância do sono. Ela perguntou quem estava dormindo tarde e metade da turma levantou a mão. Ela então afirmou que eles precisavam ter uma boa noite de sono; e disse que é preciso motivação para espantar a preguiça, por isso é sempre importante relembrar a importância da escola. A diretora perguntou quem achava a escola importante e a maioria levantou a mão. Ela alertou que é preciso se policiar para manter o foco quando aparecerem distrações [nesse momento, um dos alunos, que era frequentemente enviado à coordenação, fechou o capuz da jaqueta sobre rosto, deixando apenas o nariz de fora e colocou as mãos sobre os ouvidos].

A diretora pegou um boletim em branco e falou da importância da avaliação comportamental, que, apesar de ser largamente ignorada pelos alunos, fazia toda a diferença. Na sequência, ela leu para eles cada uma das ‘atitudes e valores’ avaliadas pelos professores. Ela falou sobre a importância de se respeitar os outros, inclusive colegas e professores, e de se responsabilizar por seu desempenho na escola; disse que não é a turma que determina o desempenho, pois mesmo quando há bagunça na sala, o aluno tem que refletir sobre o que ele está fazendo em relação a isso, sobre a sua própria participação. Os alunos quase não respondiam às perguntas e havia conversas paralelas. Ela perguntou quem trazia todos os materiais do dia e poucos levantaram a mão. Ela falou que o aluno precisa do material para acompanhar

---

14 O Orçamento Participativo da Criança e do Adolescente (OPCA) é um programa da Secretaria Municipal de Educação, criado em 2014, em que os alunos apresentam propostas de melhoria da escola, que devem ser votadas pelos colegas. Para isso, contam com uma verba de R\$ 20.000,00. Mais informações em: <<https://prefeitura.pbh.gov.br/educacao/orcamento-participativo-da-crianca-e-do-adolescente-opca>>. Acesso em 6 nov 2018.

15 Programa da Secretaria Municipal de Educação, em que alunos do 3º ciclo são eleitos pelos colegas para o “cargo” de vereador mirim. “Os compromissos dos vereadores mirins são similares aos de um vereador do município. As atividades do projeto Câmara Mirim trazem, ainda, oportunidades para que os pequenos vereadores socializem suas angústias e anseios e debatam temas comuns que permeiam o ambiente escolar. Além das sessões na própria Câmara Municipal, alguns encontros são realizados em escolas que participam do projeto, possibilitando aos estudantes conhecerem a realidade de outras unidades escolares, que não a sua”. Mais informações em: <<https://prefeitura.pbh.gov.br/noticias/estudantes-exercem-cidadania-atuando-como-veredores-na-camara-mirim>>. Acesso em: 6 nov 2018.



as aulas, que faz parte do ofício de aluno, e que isso é responsabilidade dele; não é da escola e nem dos pais. Soou o sinal de final do recreio; a diretora pediu a então professora que esperasse um pouco e passou um ‘para casa’ para os alunos. Ela pediu que eles refletissem sobre como cada um pode contribuir para reduzir as brincadeiras em sala, e sobre qual o projeto de vida deles (seu desejo de profissão dentro de alguns anos). Ela disse que eles discutiriam essas questões coletivamente em outro dia e se despediu. (Trecho do diário de campo. Roda de conversa realizada em 19/04/17 com alunos do 7º ano).

Além das ações citadas, a escola participa do Programa Escola Integrada (PEI), em que parte dos alunos permanecem na escola, no contraturno, para a realização de oficinas. Essas oficinas focalizam o reforço de conteúdos (sendo que uma hipótese presente na fala de professores e pais é a de que certos alunos são indisciplinados porque não conseguem entender o que está sendo explicado em sala de aula) e a socialização (que objetiva desenvolver a disciplina, a motivação e certos valores – como o respeito, o esforço e a cooperação – através do esporte e da arte). Apesar de todas essas ações, a indisciplina dos alunos ainda se mantém como a principal fonte de reclamação de professores, coordenadores e demais funcionários da escola.

### **A “parceria” família-escola: *“A gente tem que caminhar de mãos dadas para desenvolver um bom trabalho”***

A dificuldade em lidar com a indisciplina faz com que a escola busque se aproximar também das famílias, conforme trecho do relato a seguir, extraído de uma reunião com pais para entrega de boletins de uma turma de 5º ano.

A professora distribuiu uma bala (com embalagem que abre dos dois lados) para cada um dos pais/responsáveis, pedindo que cada um tentasse desembulhá-la somente com uma mão.

**PROFESSORA:** “Por que eu fiz essa dinâmica com vocês? Para vocês verem como é difícil abrir a bala com uma mão só, a gente precisa das...?”

**PAIS:** “Duas mãos”.

**PROFESSORA:** “É isso, e a escola precisa muito de vocês. A gente tem que caminhar de mãos dadas para desenvolver um bom trabalho. É assim, fundamental, tem valores que só a família vai dar, a escola só vai reforçar. A gente precisa muito de vocês para caminhar, não é mesmo? E têm meninos bacanas demais aqui e eles merecem uma escola de qualidade, merecem avançar. Têm meninos inteligentes aqui, a gente tem que valorizá-los. Conversem com eles, é menino que não precisava perder média, que poderia avançar, mas não está. Essa turma é de 26 meninos, olha quantos pais têm aqui? [havia

apenas 7 pais]. Esse momento é muito importante, é a vida do filho de vocês! Eu sou a mesma pessoa aqui que na outra escola, com a mesma formação, porque é que lá eu consigo avançar muito mais em relação ao conteúdo. Por quê? O que vocês acham?

**MÃE:** “Os pais participam mais”.

**PROFESSORA:** Pais participam, cobram mais, menino faz ‘para casa’, pais acompanham atividade que o menino fez, isso é muito importante, acompanhar. (*Trecho do diário de campo. Reunião de pais realizada em uma turma de 5º ano no dia 01/06/17*).

A ideia subjacente a esta exortação à parceria família-escola é a de que a ação pedagógica só é possível se a ação educativa de pais e escola forem convergentes, pois pouco ou nada adiantaria os professores agirem de uma forma (esperando determinados comportamentos, impondo certas regras etc.) se os pais agirem de forma oposta, pois as ações devem se reforçar mutuamente. Além disso, o tempo de aula (4 horas diárias<sup>16</sup>) parece ser insuficiente para gerar nos alunos o autocontrole e a disciplina demandada pela escola. Seus profissionais nutrem assim a expectativa de que os pais possam atendê-los nesse trabalho de socialização. A aproximação com as famílias visa também engajá-las na vida escolar dos filhos (cobrar, incentivar, motivar) e incrementar sua participação nas instâncias de participação da escola, apesar deste último objetivo parecer ser muito mais da Secretaria de Educação e da Direção da escola do que dos professores<sup>17</sup>. Nesse sentido, a escola desenvolve várias ações para engajar os pais, tais como:

- **Escola aberta:** a escola oferece oficinas e atividades diversas para pais e alunos nos finais de semana. Na Escola Violeta, o objetivo das oficinas é aumentar a participação da comunidade na escola e “contribuir para a melhoria da qualidade da educação e da vida da comunidade, promovendo a inclusão social e a construção de uma cultura de paz para crianças, adolescentes, jovens e adultos, através de uma educação não formal e comunitária”<sup>18</sup>.
- **Festas e apresentações dos alunos,** como festa junina, festa da família, “aluno é show” (apresentação artística dos alunos), “Café com Poesia” (o estudante explora um poema escolhido por ele durante um período e depois o apresenta em forma de sarau para as

---

16 Para um pouco mais de metade dos alunos, que não ficam em tempo integral.

17 Durante a observação, essa preocupação apareceu apenas no discurso da direção e nas propostas das chapas que concorriam à eleição (formadas por coordenadoras).

18 Trecho extraído do TCC de uma professora da escola que investigou a implementação desse programa na Escola Violeta. A referência bibliográfica desse trabalho não será citada para preservar o anonimato da escola.

famílias), entre outras. Os profissionais da escola costumam dizer que o que atrai os pais é a apresentação dos filhos, que costuma lotar a quadra esportiva da escola;

- **Presença obrigatória** de representantes dos pais na gestão: ainda que a obrigatoriedade de representantes dos pais no Colegiado e na Caixa Escolar seja uma determinação da Secretaria Municipal de Educação, na Escola Violeta torna-se um desafio encontrar pais dispostos a exercer tais funções. Na assembleia realizada no final de 2017, após a diretora explanar sobre a função do Colegiado e da Caixa Escolar e abrir espaço para que os pais se candidatassem aos cargos, apenas uma mãe se ofereceu prontamente para ser representante; outra só aceitou após ser motivada pelos funcionários que diziam que ela já era muito participativa e que sempre estava por lá; os outros só aderiram após muitos “Vamos lá gente, mais pais para ajudar na gestão”, “Eu preciso de mais pais, vamos”, “Olha que legal poder falar que faz parte do conselho fiscal da escola da filha”, “Vocês vão ver como é bom participar, ter ciência de tudo, poder melhorar a escola do filho de vocês”. Em determinado momento começou-se a chamar os responsáveis presentes pelos nomes e perguntar-lhes se aceitariam participar; quando diziam sim, todos aplaudiam. Após mais de 10 minutos conseguiu-se captar o mínimo de pais necessários (oito).
- **Atividades que os alunos devem realizar com os pais**, como é o caso da “Sacola Viajante” (2º e 3º ano) e da “Ciranda de Leitura” (4º e 5º ano), em que as crianças levam um livro para casa para ler junto com a família ou que famílias e alunos participam juntos da contação de história;
- **Entrega presencial de kits e boletins.** Há escolas da rede municipal em que os alunos podem retirar kits e boletins. A Escola Violeta optou por entregar apenas a um adulto maior de 18 anos, obrigando grande parte dos responsáveis a comparecer a escola em outro momento que não apenas o da matrícula. Em alguns casos, os profissionais aproveitam esses momentos para conversar com a família sobre o aluno;
- **Reunião de pais e professores.** Geralmente essas reuniões são conjugadas com a entrega de boletins ou com a exposição de trabalho dos alunos (pequenas mostras culturais). A escola costuma preparar um lanche (com café, suco, biscoito ou bolo) para recepcionar os pais. A intenção é que eles se sintam bem-vindos, acolhidos naquele espaço;

- **Reuniões individuais com pais ou responsáveis.** Em geral, os pais são convocados para conversarem com um ou mais professores quando o filho apresenta problemas, principalmente, disciplinares. Para incentivar a vinda dos pais, a escola enfatiza que, se necessário, expede um atestado de comparecimento para que os responsáveis apresentem no trabalho. Como dito anteriormente, nos casos de maior gravidade ou que os pais foram convocados várias vezes e não compareceram, a escola impede o aluno de entrar em sala até a vinda do responsável (enquanto isso ele aguarda na sala da coordenação). Das diferentes formas de contato com as famílias, essa era a mais frequente, a escola recebia, em média, três responsáveis por turno duramente o período da pesquisa.

Quando as famílias são convocadas para as reuniões individuais, costuma-se fixar dia e hora para esse comparecimento. No entanto, de um modo geral, isso não é seguido. As famílias comparecem quando podem e a escola busca atendê-las da mesma forma, para não perder a oportunidade: há um sentimento entre os educadores de que se não aproveitarem tal ocasião, não conseguirão se comunicar com os pais novamente; ao mesmo tempo em que tentam poupá-los de um retorno, pois compreendem sua condição de trabalhadores subalternos que não podem vir à escola frequentemente sem que isso lhes cause problemas com seu empregador. Neste caso, como não há hora marcada, o professor (que solicitou a vinda da família) é substituído temporariamente em sala de aula pelos coordenadores, enquanto ele conversa com a família na sala da coordenação (nesse caso, a reunião costuma ser breve). Quando não é possível o professor se ausentar da sala de aula, são os coordenadores que conversam com a família (como as ocorrências são anotadas no “diário de bordo”, eles podem transmitir aos pais o motivo da convocação). Em alguns casos, os pais falam rapidamente com o professor na porta da sala; em outros, as coordenadoras perguntam aos professores que estão em horário de planejamento se algum gostaria de conversar com o responsável. Houve reuniões em que dois ou mais professores, um por vez, sentou-se com o responsável para falar sobre seu filho (e costumavam fazer queixas muito parecidas), fazendo com que o responsável ouvisse e tentasse se explicar mais de uma vez.

As reuniões costumam apresentar uma dinâmica parecida, em que o coordenador ou professor narra o motivo da convocação, lê as ocorrências do aluno no “diário de bordo” e conversa com o responsável a fim de entender as condições às quais o aluno está submetido e que poderiam ajudar a explicar seu comportamento. Os alunos, geralmente,

ficam calados durante a conversa, alguns olham para o chão, outros choram, alguns tentam se defender (mas pouco espaço é dado a sua justificativa), e costumam falar apenas quando perguntados (alguns se recusam mesmo nessa situação). Em geral, pais e professores tentam sensibilizar o aluno sobre a importância da escola para o seu futuro; em alguns casos, buscam lhe “arrancar” um compromisso verbal de que mudará seu comportamento; em outros, os desfechos são mais concretos, com recomendações do que os pais poderiam fazer para ajudar os filhos – como olhar o caderno (para ver se estão copiando atividades e fazendo os deveres), colocar o filho de castigo (proibir a ida a festas, sair para brincar, utilizar videogame ou celular etc.), colocá-lo para trabalhar (se tiver 15 anos ou mais) ou ajudar nas tarefas domésticas (evitando que fique ocioso e na rua) – ou com encaminhamentos para atendimento em posto de saúde ou Conselho Tutelar.

Essas reuniões permitem à escola e seus profissionais: a) informar os pais (uma vez que não se consegue falar com vários deles por telefone); b) buscar ajustar discursos e ações, e assegurar a assistência da família na vida escolar dos filhos (através dos combinados e recomendações); c) informar-se sobre o que acontece em casa para melhor entender a criança; d) reduzir os mal-entendidos na relação, muitas vezes produzidos pelo aluno (que esconde bilhetes e convocações, falsifica assinaturas, subverte mensagens etc.), reduzindo também a margem de manobra da criança. Mas os desfechos dessas reuniões nem sempre são tranquilos ou produtivos. Há pais que saem se sentindo fracassados (como uma mãe que disse “é difícil ouvir o que eu ouvi, mas é verdade”); outros assumem uma postura defensiva (principalmente se compareceram à escola algumas vezes no semestre e a situação dos filhos não se modifica), como no bilhete abaixo, escrito por uma mãe no verso do aviso de convocação:

“Deus é mais. Eu sou mais solicitada nessa escola que o presidente. Vou ver se vou na data da minha folga. Estou cansada, vou acabar tirando da escola, mas antes que isso aconteça, vou na Regional da Prefeitura falar sobre a disciplina da [nome da aluna] na escola. (*Bilhete enviado por uma mãe após ter sido novamente convocada*).

## CONCLUSÃO

López (2007) desenvolveu o conceito de “educabilidade” para dar conta de um conjunto de disposições, recursos, atitudes e representações necessários ao aluno para que

possa participar exitosamente do “jogo escolar”. Essas condições correspondem ao modelo de aluno que a escola pressupõe ao desenvolver suas estratégias pedagógicas. O ofício de “pai/mãe de aluno” consiste em uma série de obrigações e solicitações que visam garantir, sobretudo, a “educabilidade” da criança.

Em seu texto “*What do teachers want from parents?*”<sup>19</sup>, Lareau (1989) constatou a expectativa dos professores de que os pais: (1) leiam para os filhos; (2) reforcem o currículo (revisem e ensinem o conteúdo); e (3) respondam às solicitações dos docentes. Essas ações – sem as quais as crianças poderiam sair prejudicadas, já que a escola pressupõe esse “professor oculto” do lar quando desenvolve seu planejamento (CARVALHO, 2004) – constituem o núcleo do ofício de “pai/mãe de aluno” no contexto norte-americano. No caso brasileiro, especificamente em uma escola pública cujo público tem perfil popular e altos índices de indisciplina, os professores não nutrem a expectativa de que os pais atuem no plano das aprendizagens escolares dos filhos. Eles esperam, acima de tudo, que eles ajam no âmbito da motivação e da disciplina.

Os profissionais dessa escola recorrem aos pais esperando que sua ação seja capaz de resolver rapidamente a situação, para que o aluno e seus colegas não “percam o ano” e para que o professor possa voltar a sua função, que é ensinar. Contudo, nem sempre a ação pontual da família (por exemplo, conversar, colocar de castigo, conferir dever de casa etc.) é capaz de gerar os resultados esperados (aumentando a tensão na relação família-escola). E isto ocorre porque a maior parte do efeito da família sobre as condições de educabilidade estão associadas ao capital cultural e a determinados modos de vida, condições estas que são duráveis, isto é, não se modificam facilmente (BOURDIEU, 2003; LAHIRE, 1997). Além disso, família e escola não têm exclusividade sobre a socialização das crianças e adolescentes. Os colegas de sala também influenciam na atitude do aluno, principalmente dos adolescentes, com quem compartilham uma cultura juvenil que pode concorrer com os valores e comportamentos valorizados pelos adultos. É por isso que o comportamento do aluno pode variar dependendo se ele está sozinho ou em grupo. Pasquier (2005) chega a falar de uma “tirania dos pares”, para fazer alusão à pressão exercida pelos jovens para conformação dos colegas à cultura juvenil.

---

<sup>19</sup> O presente texto foi inspirado nas questões e discussões realizadas por Lareau nesse texto, que compõe o livro *Home Advantage* (1989).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 5 ed., 2003.
- CAMPOS, Maria Malta. **A qualidade da educação, sob o olhar dos professores**. São Paulo: FSM/OIE, p. 25-26, 2008.
- CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. **Modos de educação, gênero e relações escola-família**. Cad. Pesqui., São Paulo, v. 34, n. 121, p. 41-58, 2004.
- CHARLOT, Bernard. O sujeito e a relação com o saber. In: **Formação de educadores: desafios e perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 2003. p. 23-33.
- DAL'IGNA, Maria Cláudia. **Família S/A: um estudo sobre a parceria família-escola**. 2011. 182 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares – As razões do improvável**. São Paulo: Ática, 1997.
- LAREAU, Annette. **Home advantage: social class and parental involvement in elementary education**. London: Falmer, 1989.
- LOPEZ, Néstor. **Equidad Educativa Y Desigualdad Social: Desafios de la educación en le nuevo escenario latinoamericano**. Buenos Aires: Instituto Internacional de Planeamiento de la Educación - IIPE UNESCO, 2007.
- NOGUEIRA, Maria Alice. A relação família-escola na contemporaneidade: fenômeno social/interrogações sociológicas. **Análise Social**, Lisboa, v. xl, n. 176, p. 563-578, 2005.
- PAIXÃO, Lea Pinheiro. **Significado da escolarização para um grupo de catadoras de um lixão**. Cadernos de pesquisa, São Paulo, v. 35, n. 124, p. 141-170, 2005.
- PASQUIER, Dominique. **Cultures lycéennes**. La tyrannie de la majorité, Paris, Éditions Autrement, 2005.
- PERRENOUD, Phillippe. **Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar**. Porto: Porto editora, 1995.
- PERRENOUD, Philippe. O que a escola faz às famílias. In: **Entre pais e professores: um diálogo impossível?** Para uma análise sociológica das interações entre a família e a escola. Oeiras: Celta Editora, 2001. p. 57-112.
- RESENDE, Tânia de Freitas; SILVA, Gisele Ferreira da. A relação família-escola na legislação educacional brasileira (1988-2014). **Ensaio: Aval. Pol. Públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 90, p. 30-58, 2016.
- SILVA, Luciano Campos da. **Disciplina e indisciplina na aula: uma perspectiva sociológica**. 2007. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.